



Darcy Ribeiro: futebol e formação sociocultural brasileira

Ricardo Lara¹

Resumo

Este artigo estabelece interlocução com a obra de Darcy Ribeiro com a finalidade de entender o futebol na formação sociocultural brasileira. A ninguendade, uma categoria teórica de Darcy Ribeiro, é retomada e observada por meio do futebol como prática corporal e esportiva que possibilitou ao povo brasileiro se reencontrar com sua transfiguração étnica e cultural.

Palavras-chave: Darcy Ribeiro, Formação sociocultural, Futebol, Brasil.

Darcy Ribeiro: fútbol y formación sociocultural brasileña

Resumen

Este artículo establece una interlocución con la obra de Darcy Ribeiro para comprender el fútbol en la formación sociocultural brasileña. La ninguendade, categoría teórica de Darcy Ribeiro, es observada a través del fútbol como práctica corporal y deportiva que permitió al pueblo brasileño redescubrir su transfiguración étnica y cultural.

Palabras-clave: Darcy Ribeiro, Formación sociocultural, Fútbol, Brasil.

Darcy Ribeiro: football and brazilian sociocultural formation

Summary

This article establishes an interlocution with the work of Darcy Ribeiro in order to understand football in the Brazilian sociocultural formation. Ninguendade, a theoretical category by Darcy Ribeiro, is resumed and observed through football as a bodily and sporting practice that enabled the Brazilian people to rediscover their ethnic and cultural transfiguration.

Key words: Darcy Ribeiro, Sociocultural formation, Football, Brazil.

Introdução

Nós, brasileiros, somos um povo em ser [...]. Um povo, até hoje, em ser, na dura busca de seu destino. Olhando-os, ouvindo-os, é fácil perceber que são,

¹ Professor do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Jogador amador de futebol da Associação Recreativa Cultural e Esportiva Bangu, Florianópolis. Integrante do Projeto Interperiferias do Futebol. E-mail: ricardolarauf@gmail.com

de fato, uma nova romanidade, uma romanidade tardia mas melhor, porque lavada em sangue índio e sangue negro. (RIBEIRO, 2015, p. 331).

As reflexões que seguem objetivam analisar o futebol na formação social brasileira e estabelecer mediações com a obra de Darcy Ribeiro (1922–1997). Em 2022 comemoramos o centenário de nascimento de Darcy, um latino-americano, brasileiro, mineiro e, acima de tudo, um pensador que lutou até os últimos dias de sua vida para interpretar e mudar o Brasil. Foi autor de obra original. Sua *antropologia dialética* analisou atentamente a formação sociocultural da humanidade e depositou atenção especial aos povos latino-americanos. Na elaboração de uma ciência que pergunta pela origem e se compromete com o destino da humanidade, a *antropologia dialética* de Darcy Ribeiro procurou compreender a realidade sociocultural americana, formulou princípios interpretativos das causas do desenvolvimento desigual das sociedades e procurou encontrar caminhos que superem os obstáculos que se impõem sobre as nações subdesenvolvidas que compõem o capitalismo periférico e dependente.

Dialogar com Darcy Ribeiro para explicar o futebol pode ser uma tarefa um pouco ousada, mas, ao mesmo tempo, pode estreitar distâncias quando levamos em consideração que a compreensão de nossa cultura e formação histórico-social é a ponta do novelo de nosso problema, no caso, o futebol. Para facilitar o “jogo”, vou também recorrer brevemente à crítica da economia política. Nesse caso, apresentarei notas sobre o futebol como *valor de uso* e, em alguns momentos, como *valor de troca* e *alienação*, categorias teóricas essenciais para compreensão da sociedade e, não menos, do futebol. Para melhorar as mediações teóricas e explicações sobre a formação sociocultural do povo brasileiro e do futebol, elaboramos um texto que pode ser lido como também assistido, com as devidas ponderações. Recorri aos vídeos disponíveis na rede mundial de computadores que trazem falas de Darcy Ribeiro, Bobô, Juca Kfourri, Marcelo Carvalho, músicas cantadas por Elza Soares, Maria Bethânia e dois documentários, como também vídeos de lances e dribles de Garrincha, Ronaldinho Gaúcho e Vinícius Junior. Então, convido o leitor para ler e, de acordo com sua curiosidade, também assistir este texto. Todos os vídeos estão disponíveis com endereços eletrônicos nas notas de rodapé deste artigo.

Muito resumidamente, *valor de uso* é resultado da ação humana, é resultado do trabalho e da práxis humana, sendo o produto material ou imaterial indispensável à existência da sociedade e de sua reprodução social e cultural. O *valor de troca* é quando os *valores de uso* entram em processos de valorização econômica, quando os produtos do trabalho humano se tornam mercadorias, veiculam valor, e no caso sofrem a ação do mercado e da

mercantilização. Inicialmente, como *valor de uso*, o futebol é uma necessidade humano-social (mobilização social, amizade, encontros de amigos, projetos sociais, prática esportiva...) e contribui na explicitação de dimensões éticas e estéticas da essência humana. Enquanto futebol como *valor de troca* é uma esfera da alienação, é regressão do ser social pelas relações sociais de produzir valor/capital, compõe-se como o esporte do espetáculo e bilionário².

Na abordagem do futebol como *valor de uso*, mais agradável de ser estudado e foco principal deste texto, vou escalar Darcy Ribeiro (1922–1997), para entender o que nós somos, nossa origem, nossos dramas e dilemas como sociedade latino-americana que sofreu e sofre a espoliação de nossas riquezas, o que gerou o colonialismo, o escravismo, a dependência, o subdesenvolvimento e o imperialismo do capital dos monopólios. O escravismo, por exemplo, foi uma instituição que no Brasil durou por mais de 300 anos e moeu, gastou indígenas e africanos. Darcy Ribeiro sempre pensou a Pátria Grande, o berço dos *hermanos* latino-americanos onde, aqui, a riqueza produzida por nós ficasse e alimentasse material e culturalmente nosso povo, e que não fosse escoada incessantemente, desde 1500, para as metrópoles coloniais e, posteriormente, para as potências do capital imperialista. O livro, *América Latina: a Pátria Grande*, apresenta textos elaborados no exílio do pensador nos anos de 1970 e questiona as origens e os destinos de nossas riquezas e pobreza, em um momento histórico que essas latitudes e seu povo passavam por contrarrevoluções, terrorismo de estado, ditaduras militares e poder imperialista que: perseguiram, exilaram e assassinaram muitos que lutavam por uma América Latina sem algemas e soberana.

As obras de Darcy Ribeiro nos ensinam que nós, enquanto povos e nações da América Latina, somos resultados de empreendimento econômicos exógenos que visavam o saque das riquezas por aqui encontradas pelos europeus. Se hoje temos a sorte de nos constituirmos como nações independentes politicamente, também devemos nos atentar que foi um resultado ocasional não esperado e desejado pelas antigas metrópoles, Portugal e Espanha. Somos filhos e filhas, em sua maioria, de ventres de mulheres indígenas e africanas, somos resultados de

² Na pesquisa de Matias (2020), consta-se que o futebol é um mercado que movimenta cerca de R\$ 500 bilhões por ano. Em 2012, o esporte respondeu por “cerca de 1,6% do Produto Interno Bruto (PIB), pouco mais que Alemanha (1,5%) e menos que EUA (2,1%) e Inglaterra (1,8%), por exemplo” (MATIAS, 2020, p. 13–14). Quatro das cinco maiores ligas estão entre as dez maiores economias do mundo – Alemanha (4^a); Reino Unido (5^a); França (6^a); Itália (8^a). São diversos os setores da cadeia produtiva que o Futebol de Espectáculo movimenta, a saber: “[...] patrocínios; publicidade e direito de imagens e de transmissão; transações comerciais de jogadores e técnicos; produção, venda e marketing de materiais esportivos; construção, reconstrução e manutenção de estádios, centros de treinamentos e complexos esportivos; “*naming rights*”; cursos e seminários para formação de professores, agentes sociais, treinadores, olheiros, voluntários e equipes multiprofissionais; gestão das entidades de administração do esporte; escolinhas esportivas; programas, projetos e ações sociais de esporte e lazer; desenvolvimento do futebol de base, das “lendas do esporte” e do futebol feminino e masculino; bolsa de apostas; planejamento, realização e organização de torneios, competições e megaeventos etc. (MATIAS, 2020, p. 208).

uma acumulação de “crioulos mestiçados racial e culturalmente, que se multiplicaram como uma espécie de rejeito ou de excesso” e dessa mestiçagem surgiu um *povo novo*. (RIBEIRO, 1986, 2015). Ainda não chegamos a ser nações organizadas onde o povo vive seu destino próprio, realizando suas potencialidades e protagonizando seu destino. O povo, primeiro, era o gentio pagão que só existia como matéria-prima para ser transformada em alguma coisa “mais pia pelos missionários e mais útil pelos colonos”. Depois, os africanos escravizados foram importados como força de trabalho que se queimava como carvão humano nas minas e nas plantações para produzir o que não comiam nem queriam, mas sim o que dava lucro ao senhor e as metrópoles coloniais. Hoje, temos uma massa de gentes mestiças de índios e de pretos, meio envergonhadas de suas caras tão contrastantes com os padrões europeus de beleza. É esse povo que sempre está disponível como força de trabalho, porque sempre são os insumos mais baratos do que a terra, o gado e as máquinas. É a “carne mais barata do mercado”, como cantou Elza Soares³. São muitos os excedentários e não precisam ser poupados. (RIBEIRO, 1986, p. 78-79).

No Brasil, a ordem escravocrata, latifundiária e monocultura contaminou as relações sociais desde os primórdios da invasão/colonização, produzindo uma situação histórica que atravessou séculos, mesmo após a abolição os livres e pobres, sempre recaindo o maior fardo aos negros e indígenas, eram encarados pelos senhores e sociedade como segmentos que poderiam ser tratados de forma semelhante às relações da época da escravidão. O povo brasileiro foi formado por determinações histórico-sociais que congregam a colonização, o trabalho cativo, o tráfico negreiro e a imigração. Esses *complexos de complexos* se inter-relacionam e compõem uma formação socioeconômica e cultural que tem no *sistema de fazendas* a principal herança ideológica e econômica da classe dominante. Conforme analisou Darcy Ribeiro, no âmbito socioeconômico, o Brasil é:

[...] produto da implantação e da interação de quatro ordens de ação empresarial, com distintas funções, variadas formas de recrutamento da mão de obra e diferentes graus de rentabilidade. A principal delas, por sua alta eficácia operativa, foi a empresa escravista, dedicada seja à produção de açúcar, seja à mineração de ouro, ambas baseadas na força de trabalho importada da África. A segunda, também de grande êxito, foi a empresa comunitária jesuítica, fundada na mão de obra servil dos índios. Embora sucumbisse na competição com a primeira, e nos conflitos com o sistema colonial, também alcançou notável importância e prosperidade. A terceira, de rentabilidade muito menor, inexpressiva como fonte de enriquecimento, mas de alcance social substancialmente maior, foi a multiplicidade de microempresas de produção de gêneros de subsistência e de criação de gado,

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yktrUMoc1Xw>. Acesso em: 07 nov. 2022.

baseada em diferentes formas de aliciamento de mão de obra, que iam de formas espúrias de parceria até a escravização do indígena, crua ou disfarçada [...] Sobre essas três esferas empresariais produtivas pairava, dominadora, uma quarta, constituída pelo núcleo portuário de banqueiros, armadores e comerciantes de importação e exportação. Esse setor parasitário era, de fato, o componente predominante da economia colonial e o mais lucrativo dela. Ocupava-se das mil tarefas de intermediação entre o Brasil, a Europa e a África no tráfico marítimo, no câmbio, na compra e venda, para o cumprimento de sua função essencial, que era trocar mais de metade do açúcar e do ouro que aqui se produzia por escravos caçados na África, a fim de renovar o sempre declinante estoque de mão de obra necessário para a sua produção. (RIBEIRO, 2015, p. 133–134).

Conforme argumentado, a América Latina na sua época colonial e mercantilista ergueu-se sobre a colonização europeia mediante o uso da escravização como processo de acumulação primitiva de aliciamento de força de trabalho de povos indígenas e africanos, para a produção agrária e a exploração mineral. O *sistema de fazenda* foi a instituição social básica e modelo de organização empresarial do capitalismo nascente que, reunindo o domínio da terra e o monopólio da força de trabalho escravizada, permitiu produzir artigos tropicais destinados ao mercado mundial ordenado pelo Velho Mundo e desaccumular as riquezas naturais presente no Novo Mundo. Partícipe desses saques e violências ao longo dos séculos de colonialismo e *acumulação primitiva*⁴, o Brasil foi um “moinho de gastar gentes”, como também um prodigioso criatório. Aqui se gastou milhões de indígenas, africanos e europeus. “Nascemos de seu desfazimento, refazimento e multiplicação pela mestiçagem. Foi desindianizando o índio, desafricanizando o negro, deseuropeizando o europeu e fundido suas heranças culturais que nos fizemos.” (RIBEIRO, 1995, p. 12–13; RIBEIRO, 2022).

Na América Latina e, em especial no Brasil, sob a ordem da *empresa escravista, latifundiária e monocultura*, os indígenas, africanos e europeus sofreram uma transfiguração cultural⁵. Isso se operou com brutalidade que desfez, ética e culturalmente, todos aqueles engajados no processo, como isso uma nova gente foi refeita para se tornar neo-europeu

⁴ Recordamos as análises de Marx sobre a acumulação originária de capital: “A descoberta das terras auríferas e argentíferas na América, o extermínio, a escravização e o soterramento da população nativa nas minas, o começo da conquista e saqueio das Índias Orientais, a transformação da África numa reserva para a caça comercial de peles-negras caracteriza a aurora da era da produção capitalista. Esses processos idílicos constituem momentos fundamentais da acumulação primitiva. A eles se segue imediatamente a guerra comercial entre as nações europeias, tendo o globo terrestre como palco”. (MARX, 2013, p. 821).

⁵ Conforme Darcy: “No processo de expansão europeia, milhões de homens originalmente diferenciados em línguas e culturas autônomas, cada qual olhando o mundo com visão própria e regendo a vida por um corpo peculiar de costumes e de valores, foram conscritos em um único sistema econômico e altamente uniformizados em seus modos de ver e viver. As múltiplas faces do fenômeno humano se empobreceram drasticamente. Não para se integrarem todas num novo padrão mais avançado, mas apenas para perderem a autenticidade de seu modo de vida e mergulharem em formas espúrias de cultura. Submetidos aos mesmos processos de deculturação, engajados em idênticos sistemas de produção, segundo formas estereotipadas de domínio, todos os povos atingidos empobreceram culturalmente, caindo em condições incomprimíveis de miserabilidade e desumanização que passaram a ser o denominador comum do homem extraeuropeu”. (RIBEIRO, 2021, p. 74).

genérico, mais homogêneo que qualquer um dos povos do velho continente. (RIBEIRO, 1995). Os povos que aqui estavam, após processos de *aculturação, deculturação e assimilação*, sobreviveram após essa transfiguração étnica e cultural como *povos testemunhos, povos novos e povos transplantados*⁶, para constituíram uma nova uniformidade.

Darcy Ribeiro preocupou-se em entender a formação sociocultural da América Latina e, em especial, do povo brasileiro. Ele considerava o Brasil com o horizonte de uma nova Roma, um país mestiço e tropical, a mais bela e luminosa província da Terra, um povo que uniu o que em outros cantos se desuniu. Somos desde o século XVI resultado de um verdadeiro enfrentamento de mundos. As três matrizes étnicas formadoras da identidade do povo brasileiro são compostas pelos portugueses e demais europeus que por aqui chegaram e arrastaram tudo e a todos para as suas visões de mundo e valores econômicos e morais, os africanos que para cá foram traficados e os indígenas que aqui já estavam. Estas duas últimas matrizes étnicas resistiram e resistem até hoje diante da força do colonizador e dos opressores, aumentadas por muitos europeus e asiáticos que aqui também chegaram na segunda metade do século XIX com o inevitável fim da escravização, muitos destes denominados de imigrantes — população trabalhadora excedentária do Velho Mundo — e se somaram na luta pela emancipação dos povos oprimidos e explorados cotidianamente, que são consumidos por um país que é “um moinho de gastar gente” pela sucção desatada de mais-valia. Por essas e outras razões, a nossa história sempre terá como perspectiva e único caminho possível a *hermandad* do povo latino-americano como necessidade e alívio das mãos que nos acorrentam e nos consomem como forças de trabalho produtoras de valores/capital, de lucros, de riqueza econômica que tão pouco sabemos que existem em tanta quantidade e muito menos temos acesso, mas que somos os verdadeiros produtores e donos.

Darcy Ribeiro, um apaixonado e fervoroso amante do povo brasileiro, ora agarrado no seu romantismo e *utopia realista*, ora no seu denso e original conhecimento científico, afirmava que o Brasil expressava a *romanidade tardia, tropical e mestiça*. Uma nova Roma

⁶De acordo com a tipologia étnico-nacional elaborada por Darcy Ribeiro: “Os povos extraeuropeus do mundo moderno podem ser classificados em quatro grandes configurações histórico-culturais. Cada uma delas engloba populações muito diferenciadas, mas também suficientemente homogêneas, quanto às suas características básicas e quanto aos problemas de desenvolvimento com que se defrontaram, para serem legitimamente tratados como categorias distintas. Tais são os *povos testemunhos, os povos novos, os povos transplantados e os povos emergentes*. Os primeiros são constituídos pelos representantes de velhas civilizações autônomas sobre as quais abateu a expansão europeia. O segundo bloco, designado como *povos novos*, é representado pelos povos americanos plasmados nos últimos séculos como um subproduto da expansão europeia pela fusão e aculturação de matrizes indígenas, negras e europeias. O terceiro — *povos transplantados* — é integrado pelas nações constituídas pela implantação de populações europeias no ultramar com a preservação do perfil étnico, da língua e da cultura originais. *Povos emergentes* são as nações novas da África e da Ásia cujas populações ascendem de um nível tribal ou da condição de meras feitorias coloniais para a de etnias nacionais. (RIBEIRO, 2021, p. 83).

ainda melhor e racialmente lavada em sangue índio e negro. Culturalmente fundida pelos saberes e emoções de nossas três matrizes; iluminada pela experiência milenar dos índios para a vida no trópico; espiritualizada pelo senso musical e pela religiosidade do negro. Deste caldeamento carnal e espiritual surgiu o brasileiro, um gênero singular de gente marcada por essas matrizes, mas diferente de todas elas, sem possibilidade de caminho de volta, ou reencarnação a qualquer uma delas. Os brasileiros são herdeiros de uma imensa e bela província da Terra que foi lamentavelmente gasta, degradada, mineirada, desmatada, expropriada e esfoliada. Tão grande foi o gasto imposto a nossa terra que a tarefa, hoje, é salvar toda a beleza prodigiosa da natureza que ainda restou da ação predatória dos séculos de colonialismo e monocultura do *sistema de fazendas*.

O brasileiro, como um dos representantes do *povo novo*, foi o resultado da seleção de qualidade racial e cultural das matrizes formadoras que melhor se ajustaram às condições que lhes foram impostas; conseguiu com seu esforço adaptar-se ao meio, bem como sobreviver a força de compulsão do sistema socioeconômico em gestação, no caso processadas pelas *revoluções mercantil e industrial* entre os séculos XVI e XX. Infelizmente o papel decisivo da nossa formação sociocultural e econômica foi representado pela escravização, que atuou como força destribalizadora e desgarrava os indivíduos das tradições ancestrais para transformá-los no subproletariado da sociedade nascente, ou proletários externos do capitalismo emergente da Europa. Em razão disso, os *povos novos* da América Latina são produto tanto da *deculturação* redutora de seus patrimônios tribais indígenas e africanos quanto da *aculturação* seletiva destes patrimônios e da sua própria criatividade em face do novo meio social, geográfico, econômica e cultural que foram obrigados a viver, resistir e reinventar.

Darcy Ribeiro na ganância de uma teoria que explicasse os povos latino-americanos e oferecesse saída de seus sofrimentos seculares, em particular no livro, *As Américas e a Civilização: processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos*, realizou esforço teórico com o objetivo de interpretar os fatores sociais, culturais e econômicos que formaram as etnias nacionais e americanas. Ele constata que no processo da expansão europeia, milhões de homens e mulheres originalmente diferenciados em línguas e culturas, cada qual olhando o mundo com visão própria e regendo a vida por um corpo peculiar de costumes e de valores, foram conscritos em um único sistema econômico e altamente uniformizado em seus modos de ser e de viver para a construção das Américas e do mundo moderno do capitalismo imperialista (RIBEIRO, 2022). Essa união forçada e violenta de mundos, gentes e culturas produziu filhos e filhas que, hoje, redescobrimo suas histórias,

não podem abdicar do protagonismo de construção de uma nova história que começa nas resistências das ruas, nas fábricas, nas favelas, nos campos de futebol de várzea, nos estádios com suas torcidas apaixonadas pelo clube do coração, nos sindicatos, nas aldeias e tribos, nas escolas, nos movimentos e organizações sociais que lutam pela reforma agrária, pelos direitos das mulheres, LGBTQIA+, dos quilombos, enfim, nos locais que pulsam gentes e multidões de todas as cores e credos, etnias e valores, que anseiam compreender o mundo, atuar no mundo e transformá-lo. Aqui na América Latina, não podemos fazer do conhecimento da história uma coleção de fatos mortos.

Diante desse nosso povo e de seus desafios, Darcy Ribeiro com sua atenta e viva interpretação dos dilemas do Brasil nos proporciona entender o lugar do futebol, pois para ele e para os brasileiros o futebol é coisa séria, explica muito mais do que podemos imaginar. Para Darcy a pátria do homem comum é o futebol. O futebol não é somente uma prática esportiva alienadora, pois com a bola nos pés ou no horizonte do torcedor, todos se sentem com poder e integrados, donos de si e para si. Darcy Ribeiro argumentou com precisão que: “O futebol é o único reino em que o povo sente a sua pátria. [...] A pátria para ele [brasileiro] é madrasta, dá a ele uma má escola, deixa ele com fome, desempregado.”⁷. O dia de jogo do time do coração é o dia de torcida, apreensão e grito pelo gol, vitória ou derrota, mas também pode ser o dia do grito da dor social com a falta de moradia, escolas, creches, hospitais. Dia de jogo é dia de ver os amigos, seja na arquibancada ou na pelada do campo comunitário. Para muitos o único tempo livre e de lazer da semana. Dia de falar da dureza da vida, reclamar do preço do arroz, feijão, mas também tomar a cerveja gelada e curtir o churrasco com os “parças da bola”, mesmo que este gasto custe economia para o alimento da próxima semana. O jogo com os amigos da várzea é o respiro do trabalhador que, cansado de produzir mais-valia, pode se livrar das jornadas de trabalho extenuantes e fazer-se dono de si nas poucas horas em que pode gastar sua corporeidade e energia para si próprio, para sua diversão e alegria.

O futebol é amor e amor é algo que não tem começo e não tem fim, escreve sua própria história e a de quem o acompanha, seja na arquibancada do Time profissional ou no Time amador, onde cada um se faz menino e bate sua bola. Sabemos que o futebol não nasceu no Brasil, mas o Brasil renasceu com o futebol. O Brasil não sabe ser Brasil sem o futebol⁸. Futebol é lazer, profissão, sonho, esperança, cultura, amizade; é a oportunidade de um futuro

⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IQJoB_XX1Fc. Acesso em: 31 out. 2022.

⁸ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/futebol-por-elas/brasil-e-futebol-o-encontro-perfeito/>. Acesso em: 31 out. 2022.

melhor; é a união de um povo, e para o povo brasileiro é sua identidade sociocultural no mundo.

O futebol é mobilização social. E é ainda mais forte quando começamos a entendê-lo para além dos gramados como em países de capitalismo periférico e dependente como o Brasil. Os jogadores profissionais, quando anseiam, podem assumir grandes responsabilidades sociais, principalmente ao compreenderem a importância do futebol para além das quatro linhas. Bobô (Raimundo Nonato Tavares da Silva), craque do Bahia, campeão brasileiro de 1988, no calor da vitória e da emoção do título, não perdeu a razão e explicou como pelo futebol é possível compreender o Brasil:

Eu acho que a Bahia hoje, mais do que nunca, merece vibrar atrás de um trio elétrico, a Bahia hoje é campeã nacional. O Bahia deu, proporcionou ao Nordeste uma abertura muito grande a nível nacional, por isso a honra é muito grande para nós. Hoje eu posso dizer pela primeira vez depois de trinta anos, como baiano e sofredor, como nordestino e sofredor, eu tenho o prazer e alegria de dizer que sou campeão brasileiro [...] O profissional do futebol hoje é grande, ele tem que saber que ele é grande, que ele tem uma força nos pés muito grande, porque ele que proporciona ao Brasil carente e sofrido, com essa crise tão violenta, momentos de felicidades e frustrações. Então, ele [o jogador de futebol] tem que ser instruído, ele tem que saber responder uma pergunta inteligente, ele tem que saber reivindicar, ele tem que passar coisas, ideias novas [...]. Por que existe tanta gente se espelhando num ídolo? Entendeu? Essa é a minha preocupação. Quantas e quantas criancinhas se espelham em mim? Será que eu não posso passar uma coisa proveitosa e útil para eles. Será que eles vão me copiar de um modo errada ou não? Eles têm que me copiar como eu sou. E eu sou assim, procuro sempre me esclarecer porque sempre estou conversando com gente inteligente [...]. Comemorem, vibrem, nós somos campeões⁹.

Bobô não foi protagonista somente porque jogou futebol no Bahia, São Paulo, Flamengo, Corinthians, Internacional e Fluminense, disputou partidas pela seleção brasileira, mas porque soube entender a força e a cultura do futebol, um esporte que influencia e move multidões, mas para isso teve antes que entender o Brasil e seu povo. A música popular brasileira entendeu a relação do Bobô¹⁰ com o futebol e assim o homenageou: “Quem não amou a elegância sutil de Bobô”¹¹. A música tem o título de *Reconvexo*¹², composta por Caetano Veloso e gravada por Maria Bethânia. Nessa bela música há um pequeno sinal do que nós somos como povo brasileiro:

⁹ Disponível em: https://www.facebook.com/deputadobobo/videos/1221337315390507/?extid=WA-UNK-UNK-UNK-AN_GK0T-GK1C. Acesso em: 31 out. 2022.

¹⁰ Bobô, em 2014, foi eleito deputado estadual pelo PCdoB, com 27 mil votos. Em 2018, iniciou seu segundo mandato, eleito com mais de 57 mil votos. Em 2022 foi eleito novamente com 61.469 votos.

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YPO1iaetL2>. Acesso em: 31 out. 2022.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YPO1iaetL2I> e <https://www.lettras.mus.br/maria-bethania/47242/>. Acesso em: 31 out. 2022.

[...]
 Eu sou a sereia que dança, a destemida Iara
 Água e folha da Amazônia
 Eu sou a sombra da voz da matriarca da Roma Negra
 [...]
 Quem não rezou a novena de Dona Canô
 Quem não seguiu o mendigo Joãozinho Beija-Flor
 Quem não amou a elegância sutil de Bobô
 Quem não é recôncavo e nem pode ser reconvexo

A cultura nova, o *povo novo*, como argumentou Darcy Ribeiro, está diante de nossos olhos construindo cotidianamente a nova Roma negra, indígena e mestiça, que se expressa em cada música popular, em cada time de futebol, em cada drible desconcertante, em cada samba-enredo, em cada torcida organizada¹³ que abre estradas para ver seu time do coração, em cada cachaça que queima o peito e faz rejuvenescer a alma daqueles que amam e têm coragem de compreender quão belo é o nosso povo e, por conseguinte, romper a colonização da nossa mente e o imperialismo de nossa economia.

O futebol e a *ninguendade*

A *ninguendade*, os retalhos de indígenas, africanos e europeus, na reinvenção de suas práticas corporais, estéticas e culturais, produziram sua musicalidade, danças, crenças e religiosidades. O *povo novo*, o brasileiro, teve que se reinventar para viver nos trópicos e, no seu interior, aflorou a primavera que propiciou, pela criatividade, colher as flores do samba, da capoeira, da música popular e regional e, acima de tudo, do futebol jogado com alegria e ginga.

Darcy Ribeiro foi um dos intelectuais que melhor entendeu o Brasil. Foi feitor de ciência e atuou na política, com paixão revolucionária, para executar o que de melhor compreendeu sobre o Brasil. De fato, fez ciência para interpretar e intervir no mundo! Provavelmente por ter estudado “exegeticamente” o povo brasileiro tão a fundo foi capaz de muitas idealizações e obras públicas, mas certamente o Sambódromo do Rio de Janeiro¹⁴ foi uma ideia de quem entendeu intimamente o Brasil, local onde o povo pobre brasileiro consegue dançar, sorrir e mostrar para o mundo a sua *ninguendade* e singularidade.

¹³ Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CkeHD4xLMar/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D>. Acesso em: 02 nov. 2022.

¹⁴ O Sambódromo, hoje nomeado como *A Passarela Professor Darcy Ribeiro*, idealizado por Darcy Ribeiro e projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer, foi inaugurado durante o primeiro governo do Rio de Janeiro de Leonel Brizola (1983–1987).

O mineiro de Montes Claros pode ser uma bússola para aqueles que pretendem entender o povo brasileiro e a América Latina. Darcy Ribeiro foi um craque e capitão que todos os “boleros” gostariam de ter ao seu lado em campo, assumiu a responsabilidade nos gramados mais adversos e diversos, orientou o seu time chamado Brasil nas horas de vitórias, glórias e gols de placa, mas também não o abandonou, mesmo tomando cartão vermelho e sendo expulso do país. Foi obrigado a viver no exílio, viu de longe com muita ternura e sofrimento as goleadas sofridas, os gols contra, as faltas criminosas e desleais que a ditadura militar cometeu contra o Brasil, como o endividamento externo, a carestia das classes subalternas e os assassinatos e perseguições daqueles que faziam oposição ao regime. Em 1964, com o golpe e a inauguração da ditadura civil-militar, os direitos humanos e sociais sofreram profundos retrocessos. O golpe de abril, apoiado pelo imperialismo norte-americano, pelos setores conservadores da alta hierarquia da igreja católica, pela burguesia internacional e nacional (industrial e financeira, os grandes proprietários de terras), conteve o avanço das forças populares que vinham num crescente nível de organização e mobilização em torno das lutas pelas reformas de base. Darcy Ribeiro atuou em dois ministérios (Casa Civil e Educação) no governo de João Goulart, pretendia uma atuação do executivo federal que minimamente voltava-se para a justiça social e a soberania nacional. João Goulart, com sua política de valorização dos direitos trabalhistas, de defesa das reformas de base — agrária, tributária, urbana, educacional e eleitoral — e de independência nas relações exteriores, juntamente com a tentativa de limitar a remessa dos lucros do capital estrangeiro para fora do país, desagradou os interesses da burguesia brasileira associada ao capital imperialista. Tais reformas foram ideologicamente vinculadas aos preceitos comunistas que seriam implementados pela extrema esquerda que se opunha aos valores da família e da propriedade privada. Hoje, em 2022, analogamente, qualquer pessoa que faça críticas ao governo federal e defenda a manutenção de direitos sociais é ideologicamente alinhada aos “esquerdistas” corruptos que estão contra o “povo”. Parece piada, mas não é. (LARA; HILLESHEIM, 2021).

Voltamos, entretanto, a nossa preocupação principal: o futebol e a formação sociocultural brasileira. Na interpretação do que nós somos como povo brasileiro, esse mineiro, que alguns gostam de chamar de indigenista, antropólogo, educador, conseguiu acertar a bola com um chute certo, na linguagem dos gramados, foi aquele chute que pegou na veia e foi no ninho da coruja. Darcy conseguiu observar, ao fazer *teoria social interessada*, que, da tragédia dos encontros dos mundos europeu, americano e africano, surgiu um *povo novo* que do seu sofrimento, escravização, deculturação, assimilação, racismo, também reinterpretou e reproduziu ao seu modo e semelhança o futebol e seu novo modo de jogar.

Como brasileiros, somos criaturas, criadores e criados das nossas tristezas e alegrias, da nossa história, somos filhos e filhas dos torturadores e das torturadas¹⁵, mas mesmo diante desse percurso sociocultural trágico, Darcy Ribeiro conseguiu observar com lucidez as saídas e sobrevidas construídas:

A partir dessas precárias bases, o negro urbano veio a ser o que há de mais vigoroso e belo na cultura popular brasileira. Com base nela é que se estrutura o nosso Carnaval, o culto de Iemanjá, a capoeira e inumeráveis manifestações culturais. Mas o negro aproveita cada oportunidade que lhe é dada para expressar o seu valor. Isso ocorre em todos os campos em que não se exige escolaridade. É o caso da música popular, do futebol e de numerosas formas menos visíveis de competição e de expressão. O negro vem a ser, por isso, apesar de todas as vicissitudes que enfrenta, o componente mais criativo da cultura brasileira e aquele que, junto com os índios, mais singulariza o nosso povo. (RIBEIRO, 2015, p. 168).

Ao considerar a original interpretação de Darcy Ribeiro, podemos afirmar que o futebol daqui dessa terra, após os anos de 1930, começou a esboçar uma das identidades do povo brasileiro, porque começou, por meio da resistência e da pobreza, a ser praticado pelos pés descalços nas ruas e nos morros; inicia-se, portanto, uma reinvenção também dessa prática esportiva entre o nosso povo, isso fez com que começasse a romper, no futebol brasileiro, o seu primeiro impulso de reprodução da forma de jogar europeia e prática esportiva exclusivas dos brancos da classe dominante. Para Graciliano Ramos, foi nesse momento que o real motivo de orgulho do nosso povo veio à tona, pois “de vergonhoso defeito do esporte praticado no país, a presença negra tornava-se [...] o grande fator de diferenciação do futebol brasileiro — ajudando decisivamente na criação de um estilo nacional”. (PEREIRA, 2000, p. 331–332).

Aqui na Roma negra, mestiça e indígena, a maneira de jogar futebol, marcada pelo improvisado, pela ginga, pelo drible, é resultado direto da formação cultural de nosso *povo novo*, seja pelas suas matrizes étnicas e culturais, como também pelos locais onde se praticava

¹⁵ Darcy Ribeiro explicou a dialética da *doçura mais terna e da crueldade mais atroz* da formação do povo brasileiro: “Nenhum povo que passasse por isso como sua rotina de vida, através de séculos, sairia dela sem ficar marcado indelevelmente. Todos nós, brasileiros, somos carne da carne daqueles pretos e índios supliciados. Todos nós brasileiros somos, por igual, a mão possessa que os supliciou. A doçura mais terna e a crueldade mais atroz aqui se conjugaram para fazer de nós a gente sentida e sofrida que somos e a gente insensível e brutal, que também somos. Descendentes de escravos e de senhores de escravos seremos sempre servos da malignidade destilada e instalada em nós, tanto pelo sentimento da dor intencionalmente produzida para doer mais, quanto pelo exercício da brutalidade sobre homens, sobre mulheres, sobre crianças convertidas em pasto de nossa fúria. A mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz de torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista. Ela é que incandesce, ainda hoje, em tanta autoridade brasileira predisposta a torturar, seviciar e machucar os pobres que lhes caem às mãos. Ela, porém, provocando crescente indignação, nos dará forças, amanhã, para conter os possessos e criar aqui uma sociedade solidária”. (RIBEIRO, 2015, p. 91).

o futebol, nas ruas, nos morros, nos pastos, nos quintais, com bolas de pano, papel, lata, o que importava era o jogo e a diversão que ele proporcionava. Foi dessa maneira que o povo pobre das periferias das cidades começou a praticar o futebol, participando de um processo que, “pelo menos no nível do discurso, ia tornando a ascendência negra um traço de positividade” (PEREIRA, 2000, p. 340). Aqui brota a ideia de Mario Filho da “ascensão do negro” enquanto herói nacional, mas como sabemos são pouquíssimos aqueles que conseguiram pelo esporte serem heróis num país de radicais desigualdades de acesso aos direitos sociais e inundados numa cultura de racismo estrutural¹⁶.

No quesito da prática do jogo de futebol, o *povo novo*, em especial os jogadores negros, a partir dos anos de 1930, apresentaram uma maneira específica de jogar, com ginga, agilidade, habilidade, que não abre mão da diversão e do sorriso; uma forma de jogar que convida seus adversários para brincar de bola. Recordamos dos lances de Garrincha¹⁷ e Ronaldinho Gaúcho¹⁸, jogadores que unem todas as características descritas acima, jogavam sorrindo e eram capazes de arrancar aplausos de todos que estavam nos estádios, pois o futebol para eles era mais que esporte, era uma arte de brincar com os pés e dominar a bola para envolver seus adversários numa dança na qual era impossível acompanhá-los.

Didi, Pelé, Djalma Santos, Garrincha, Coutinho foram protagonistas dos dois primeiros títulos mundiais conquistados pelo Brasil, em 1958 e 1962. Atletas que representam a singularidade de como o futebol é praticado e entendido no Brasil, de como também representam o *povo novo* brasileiro. De acordo com Wisnik (2008, p. 231), para os brasileiros o futebol é “o lugar do lapso criativo, da suspensão que admite o vazio sem o qual não se formula o inesperado”, não é a reprodução do

[...] discurso do poder que tem como agente um significante já dado, que polariza os demais, mas se arrisca a produzir o imprevisível complexo que vemos em Pelé e Coutinho, em Garrincha, em Leônidas e no samba. Essa síndrome popular cria, desse modo, uma zona própria de ação que foi encontrar, nas condições brasileiras, seu terreno fértil na música e no futebol. (WISNIK, 2008, p. 231).

Os representantes legítimos do povo brasileiro, filhos da transfiguração étnica e cultural, mostraram para o mundo o quão pujante nós somos, pois na contramão da história, não somos uma cópia malfeita do que não deu certo, somos originais e reinventamos quase tudo que caía em nossas mãos e pés; por isso, reinventamos o esporte mais amado pela

¹⁶ Confira o documentário *O Negro no futebol brasileiro*, baseado no livro de Mário Filho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3Rh5Q7vYBvI>. Acesso em: 11 nov. 2022.

¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6UluHN8TGBI>. Acesso em: 08 nov. 2022.

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nx6nPhq7Vvw>. Acesso em: 08 nov. 2022.

humanidade; conquistamos cinco Copas do Mundo com nossa singularidade de jogar e encantar. Isso só poderia ser feito por um *povo novo*, por homens que na sua inocência e coragem jogaram e se divertiram com sua brasilidade, que brotou da *ninguendade*. O futebol fez emergir uma maneira inventiva de colocar o povo brasileiro no mundo, que nasce do desfazimento dos moinhos de gastar gente e da quebra brutal de suas etnias, da condição precária de vida e do racismo. Nelson Rodrigues, romântico e esperançoso, ao falar de Garrincha, “o anjo das pernas tortas”, compreendeu por meio de um indivíduo e sua relação com o jogo de futebol, o que pode ser a expressão do *gênero povo brasileiro*:

Só um Garrincha poderia fazer isso. Porque Garrincha não acredita em ninguém e só acredita em si mesmo. Se tivesse jogado contra a Inglaterra, ele não teria dado a menor pelota para a rainha Vitória, o Lord Nelson e a tradição naval do adversário. Absolutamente. Para ele, Pau Grande, que é a terra onde nasceu, vale mais do que toda a Comunidade Britânica. Com esse estado de alma, plantou-se na sua ponta para enfrentar os russos. Os outros brasileiros poderiam tremer. Ele não e jamais. Perante a platéia internacional, era quase um menino. Tinha essa humilhante sanidade mental do garoto que caça cambaxirra com espingarda de chumbo e que, em Pau Grande, na sua cordialidade indiscriminada, cumprimenta até cachorro. Antes de começar o jogo, o seu marcador havia de olhá-lo e comentar para si mesmo, em russo: “Esse não dá pra saída!”. E, com dois minutos e meio, tínhamos enfiado na Rússia duas bolas na trave e um gol. Aqui, em toda a extensão do território nacional, começávamos a desconfiar que é bom, que é gostoso ser brasileiro. (RODRIGUES, 1993, p. 54).

É gostoso ser brasileiro quando a seleção sai vitoriosa de uma Copa do Mundo, quando nossos jogadores encantam o mundo. Mas, para Garrincha, Pelé e tantos outros, que dão orgulho para a nação brasileira ter a liberdade de correr pelos campos de futebol e encantar o mundo, muitos outros negros foram gastos nessa terra, não é preciso retomar toda a nossa história colonial e escravista novamente, basta olharmos para a história do futebol no Brasil no século XX. Em princípio era um esporte da elite e proibia-se a prática por negros e desempregados e, simultaneamente, da população pobre, mas o futebol teve a força da resistência e foi jogado nos morros e nas ruas, nas várzeas, com isso aqueles meninos negros e mestiços chamaram a atenção dos cartolas e dirigentes dos clubes de futebol que surgiam no Brasil na primeira metade do século XX, mesmo sofrendo todas as resistências e racismo o povo brasileiro e sua configuração étnica foi admitido no futebol e fez história, não sem momentos trágicos como a culpa que Barbosa (goleiro)¹⁹ carregou pela perda da Copa do Mundo de 1950. Esse episódio do racismo contra Barbosa teve sequência ao longo dos anos

¹⁹ Confira: “Racismo culpou goleiro Barbosa por derrota do Brasil em 1950”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zjMxHXFO0v8>. Acesso em: 09 nov. 2022.

de 1950, época em que a eugenia esteve agudamente presente no futebol brasileiro, mas a partir de 1958 as elites do futebol e os clubes não podiam mais negar o protagonismo do negro no futebol. Porém, infelizmente, até hoje são constantes as manifestações de racismo no futebol no Brasil e no mundo. Em se tratando somente de Copas do Mundo e seleção brasileira, basta recordarmos a Copa de 2018, o jogador Fernandinho foi culpado pela derrota do Brasil contra Bélgica, e sofreu ataques racistas.

A situação mais simbólica e conhecida de racismo no futebol brasileiro foi o caso do Bangu Atlético Clube do Rio de Janeiro²⁰, time fundado por ingleses, mas a maioria dos jogadores eram operários da Fábrica de Tecidos Bangu, do subúrbio do Rio de Janeiro. O clube foi o primeiro no estado a escalar um atleta negro, Francisco Carregal, em 1905. O feito fez com que, em 1907, a Liga Metropolitana de Futebol publicasse uma nota proibindo o registro de “pessoas de cor” como atletas amadores de futebol. O Clube, então, optou por abandonar a Liga e não disputar o Campeonato. Veja a triste e lamentável nota: “Comunicovos (ao Bangu Atlético Clube) que a Liga Metropolitana de Futebol, em sessão de hoje, resolveu, por unanimidade de votos, que não serão registrados como amadores nesta Liga pessoas de cor”. (Rio de Janeiro, 18 de maio de 1907. Gazeta de Notícias)²¹.

O povo pobre brasileiro seja no futebol, no samba, na copeira, busca a oportunidade no lamaçal de segregação social e racial da sociedade brasileira. Nelson Rodrigues é insistente ao afirmar e demarcar que, “o jeito brasileiro de jogar bola tem mesmo uma dívida impagável com a cultura negra, mestiça, sensual, infantil, esculhambada que é a cultura do Brasil, se houver uma. Batuque, rebolado, capoeira, exibicionismo, pé no chão, rua de terra”. (RODRIGUES, 2013, p. 60–61). Essa síntese de gentes é a nossa identidade étnico-nacional e no futebol brotou uma forma específica de jogar que é expressão cultural e estética de um povo que foi produzido por uma formação sociocultural que Darcy Ribeiro assim compreendeu:

Sobrevivendo a todas as provações, no trânsito de negro boçal a negro ladino, ao aprender a língua nova, os novos ofícios e novos hábitos, aquele negro se refazia profundamente. Não chegava, porém, a ser alguém, porque não reduzia jamais seu próprio ser à simples qualidade comum de negro na

²⁰ Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/historias/a-insercao-do-negro-no-futebol-brasileiro/>. Acesso em: 09 nov. 2022.

²¹ Confira a história do futebol no documentário *Brasil Football Club: a história do futebol brasileiro*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mLtRmNtde8Y>. Acesso em: 09 out. 2022. *Brasil Football Club* conta a história da chegada do futebol ao Brasil e de como a relação dos brasileiros com a bola foi construída. Do elegante e restrito futebol do século XIX, que proibia vaias e exigia jogadores de gravata, até o futebol-paixão-nacional, um dos símbolos mais fortes da nossa identidade cultural. Uma história feita da contribuição de imigrantes estrangeiros e trabalhadores brasileiros; marcada pelo racismo e subvertida pelo talento.

raça e de escravizado. Seu filho, crioulo, nascido na terra nova, racialmente puro ou mestiçado, este sim, sabendo-se não africano como os negros boçais que via chegando, nem branco, nem índio ou seus mestiços, se sentia desafiado a sair da *ninguendade*, construindo sua identidade. Seria, assim, ele também, um protobrasileiro por carência. O brasilíndio como o afro-brasileiro existiam numa terra de ninguém, etnicamente falando, e é a partir dessa carência essencial, para livrar-se da *ninguendade* de não índios, não europeus e não negros, que eles se veem forçados a criar a sua própria identidade étnica: a brasileira. (RIBEIRO, 2022, p. 99).

A *ninguendade*, uma categoria teórica de Darcy Ribeiro, se observada pelo futebol foi a prática corporal que possibilitou ao ninguém se situar como o autêntico e demarcar para o mundo que o brasileiro com as bolas nos pés é aquele que melhor conhece de si e para si. De fato, o brasileiro com a bola nos pés, ninguém pode²². Carlos Drummond de Andrade também entendeu com maestria essa relação do povo brasileiro com o futebol, afirmou certa vez o poeta: “enquanto houver futebol, a gente tem chances de sobreviver”. (ANDRADE, 2002, p. 151). O futebol age como ópio, remédio, fuga, encontro e amor. Às vezes como paixão para trazer lembranças e, em outras ocasiões, para esquecê-las. Age no imaginário e vida cotidiana do povo que é fruto da *ninguendade*, para aguentar e superar a realidade brasileira, que para muitos é trágica. No futebol, como na vida do povo brasileiro, “o lugar da obra é o mesmo do rascunho [...]”. (WISNIK, 2008, p. 398). Assim vive a população pobre brasileira, sem chance alguma de rascunhar o futuro; vive na pobreza e na informalidade, na favela e no morro, onde não há rascunho, ensaio ou preparação, mas a vida pulsa e se reinventa a cada lance, em cada nova partida. Aqui, na terra da *ninguendade*, que brotou o *povo novo* brasileiro, para cada ataque é preciso retomar o fôlego e construir um veloz contra-ataque; o gol na luta de classes e na divisão internacional do trabalho é a esperança de romper com o imperialismo e a dependência; construir a soberania e socializar os meios de produção e a riqueza produzida pelos trabalhadores e trabalhadoras. No Brasil, queiram ou não, entendam ou não, povo e futebol coexistem mediados por aquilo que é nosso e singular, que carrega consigo o “autêntico, memorável, apaixonante e inesperado — em outros termos, bem seus, naquilo que ele tem de popular e real”. (WISNIK, 2008, p. 15).

O Brasil é o maior campeão mundial de futebol, trouxemos cinco vezes a taça da Copa do Mundo para casa. Também somos candidatos fortes no campeonato mundial das desigualdades sociais. Qual a força possível do futebol conseguir romper com este cenário de miséria que se impõe? Será o futebol a distração das multidões, o limite do pensar? Propaganda ideológica das ditaduras militares, um souvenir barato numa prateleira quase vazia,

²² Confira alguns lances de Vinícius Júnior. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6JmhmzigkMc>. Acesso em: 09 nov. 2022.

um penduricalho? (LEÃO, 2022, p. 25). Pensamos que sim e não, compreendemos, de acordo com Wisnik (2008, p. 177), a possibilidade de afirmar o futebol com “sua potência desalienadora e arriscar a proposição de que essa disposição teria o poder de contaminar positivamente outras esferas da vida”. Num movimento possível em que “[...] a alienação brasileira converte a realidade em jogo e encarna possibilidades de autêntica libertação”. (WISNIK, 2008, p. 180). Como um drible, uma elipse, uma gingada nova, o futebol contorna essa vastidão e faz do descaso o recurso sublime do jogo, tornando a ausência elemento de diferenciação. É, sem dúvida, a partir do futebol que “[...] o Brasil se faz reconhecer, mundialmente, pela produção de uma espécie de tecnologia de ponta do ócio, do qual a música e o futebol são os sinais mais evidentes e refinados”, ou seja, “uma espécie de mais-valia às avessas, que tira seu lucro da falta”. (WISNIK, 2008, p. 230; LEÃO, 2022, p. 25).

Entretanto, em nossa pátria grande e jogado pelo *povo novo*, o futebol é a contradição do contraditório, o antagonico do avesso, a resistência dos resistentes, o sorriso da alegria. Por quê? Porque, aqui, o futebol fez uma viagem singular; sabemos que inicialmente foi organizado nos colégios e universidades inglesas, mas na América do Sul alegrou a “vida de gente que nunca tinha pisado numa escola”. (GALEANO, 2019, p. 38-39).

Por fim, este texto procurou redescobrir Darcy Ribeiro, um dos maiores intelectuais que a humanidade já produziu, como também buscou estabelecer o diálogo da formação sociocultural brasileira com o futebol. Duas situações emergenciais e desafiantes: o pensamento de Darcy Ribeiro e o futebol. Dois assuntos que se fundem para entender o Brasil, e que sem suas elucidações não avançamos uma légua, mas com eles, quando bem estudados e compreendidos, podemos trilhar novos caminhos das ciências sociais com toda a nossa originalidade.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: LP&M, 2019.

GALEANO, Eduardo. **Fechado por motivo de futebol**. Porto Alegre: LP&M, 2019.

HORNBY, Nick. **Febre de bola**. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

LARA, Ricardo; HILLESHEIM, Jaime. Modernização trabalhista em contexto de crise econômica, política e sanitária. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, ano XXIV, n. 49, v. 1,

p. 61-88, jan./abr. 2021. Disponível em? <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/51110/51110.PDF>. Acesso em: 12 out. 2022.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2013.

LEÃO, Gabriel. **Futebol**: o substrato da bola e o submundo do jogo. Florianópolis, 2022. No prelo.

MATIAS, Wagner Barbosa. **Futebol de espetáculo**. Curitiba: Appris, 2020.

OURIQUES, Nilso. **Futebol**: a traição impossível. Joaçaba, 2022. No prelo.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902–1938. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2000.

RIBEIRO, Darcy. **As Américas e a civilização**: processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos. São Paulo: Global, 2021.

RIBEIRO, Darcy. **América Latina**: a pátria grande. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1986.

RIBEIRO, Darcy. **O Brasil como problema**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Global, 2015.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

RODRIGUES, Sérgio. **O drible**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O Negro no Foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro: Pongetti Editores, 1949.

SALDANHA, João. **Histórias do futebol**. Rio de Janeiro: Revan, 2004.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.